

AMBIGUIDADES DE UMA METÁFORA: O SÉCULO AMERICANO

Ambiguities of a metaphor: the american century

RODRIGUES, João Pedro Botelho Veloso¹, & RODRIGUES, João Bartolomeu²

Resumo

O presente trabalho intitulado “Das ambiguidades de um século de poder ao poder de um sonho” tem por objetivo refletir nas relações de poder hegemónico e global da América ao longo do século XX, dando conta não só da sua hegemonia, mas também de todas as suas ambiguidades. Num segundo momento visa refletir sobre os desafios e as ameaças que o poder americano enfrenta, ao deparar-se com a continuidade ou quebra da liderança mundial: É feita a análise de duas propostas que apontam as condições necessárias para a operacionalização de uma nova liderança mundial, protagonizada pela América.

Abstract

The present work entitled “From the ambiguities of a century of power to the power of a dream” aims to reflect on the hegemonic and global power relations of America throughout the twentieth century, not only reporting on its hegemony, but also on all your ambiguities. In a second moment, it aims to reflect on the challenges and threats that the American power faces when facing the continuation or breaking of the world leadership: The analysis of two proposals that point out the necessary conditions for the operationalization of a new world leadership is made. , led by America.

Palavras-chave: *Cultura; Século XX; Sonho Americano.*

Key-words: *Culture; 20th Century; American Dream.*

Data de submissão: fevereiro de 2019 | **Data de aceitação:** junho de 2019.

¹JOÃO BOTELHO VELOSO RODRIGUES – Universidade de Coimbra. PORTUGAL. Email: joaorodrigues6969@hotmail.com.

² JOÃO BARTOLOMEU RODRIGUES – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. PORTUGAL. Email: jbarto@utad.pt.

INTRODUÇÃO

De acordo com o título: “Ambiguidades de uma metáfora: O Século Americano”, traçámos como objetivo geral assinalar algumas reflexões que ajudem a perceber o significado e o alcance da expressão “O Século Americano”, usada para referir o século XX. Se o título do presente trabalho pode sugerir alguma “ambiguidade”, importa que ela seja desfeita. Nesse sentido, tomo como ponto de partida a questão levantada pelo professor: “How accurate or useful do you find this information”?

Consciente de que o tema é demasiado abrangente e que este é um dos primeiros trabalhos académicos, importa esclarecer desde já os seguintes aspetos: não se pretende um estudo exaustivo sobre a temática. A modéstia impõe que limite o âmbito do trabalho: o período temporal que abarca é muito extenso, por isso, o aprofundamento terá que ser superficial. A metodologia seguida apoia-se essencialmente na recolha e análise de textos, no sentido de apreender as conclusões resultantes desta investigação.

Este trabalho apoia-se na revisão bibliográfica sobre a temática enunciada. Acuso, desde já, um conhecimento superficial da matéria em estudo, o que me obriga a um esforço suplementar. Diante da quantidade e multiplicidade de fontes que a internet e as bibliotecas nos disponibilizam, independentemente da qualidade, importa, desde já, esclarecer que na presente pesquisa tive como ponto de partida o motor de busca (GA) *Google Académico*, o RCAAP (Repositório Científico de Acesso Aberto Português) e a B on (Biblioteca online). A consulta da biblioteca da Universidade de Coimbra revelou-se preciosa, particularmente na consulta de artigos de investigadores que trataram deste assunto. A bibliografia usada será referida ao longo do texto e aparecerá no final do trabalho. Das fontes utilizadas, destaco em primeiro lugar,

Ainda no sentido de delimitar, circunscrever e orientar num sentido preciso a investigação que me proponho levar a cabo, formulo as seguintes questões:

- Quando falamos de “O Século Americano”, que acontecimentos históricos e culturais marcaram a História americana e a História universal para que se possa falar, sem reservas, da afirmação hegemónica da América, nos contextos internacional e universal?

- Quando afirmamos a hegemonia dos EUA, será que o podemos fazer, sem questionarmos as fragilidades que ao longo do século XX ensombraram a marcha dos povos para a civilização?
- Poderá a América continuar a liderar o mundo? Se sim, em que termos?

Para responder às questões acima levantadas e para justificar a inserção da palavra “ambiguidade” na escolha do título, vou dividir esta investigação em duas partes: na primeira, farei o levantamento dos acontecimentos mais significativos, que justificam a designação de “O Século Americano”; na segunda parte, procurarei mostrar os aspetos negativos, ou seja, as ambiguidades que ensombram e questionam esta designação, como a 1ª e 2ª guerras mundiais, o terrorismo internacional, o desastre do Vietnam, o racismo entendido como herança colonial de quatro séculos de escravatura ou a fome generalizada nos países do terceiro mundo.

Sem qualquer pretensão de dar uma resposta definitiva e fechada às questões acima formuladas, quero, apenas, referir que o conteúdo desta problemática é profundamente complexo, quer do ponto de vista histórico, quer dos pontos de vista diferenciados dos observadores: por um lado, o sonho americano a raiar no horizonte do oceano, como o sol que nasce para todos, na expressão dos avanços científico, técnico, cultural de um país que entra no século XX com a chancela de libertador dos povos, na sequência da Guerra-hispano-americana (Beede 1994; Pérez 1998; Bouvier 2001; Schoonover & LaFeber 2005); mas por outro lado, ensombrada pelas práticas racistas e segregadoras, particularmente da comunidade afroamericana, que continuará ao longo do século XX a sentir-se estrangeira em terra própria, bem como outras ambiguidades que questionam a afirmação hegemónica de uma expressão já consagrada.

A História não é uma ciência acabada, ela resulta da descoberta dos mais diversos fragmentos que a constituem, da sua concatenação e de um esforço hermenêutico, capaz de lhe atribuir alguma ordem: o passado torna-se presente, e o presente ganha sentido e a pintura vai ganhando contornos cada vez mais claros e precisos. É neste sentido que me proponho elaborar este trabalho que terminará com a conclusão, onde mais do que dar respostas às questões levantadas, novas questões irão surgir: Até quando a hegemonia americana? Será Donald Trump capaz de dar continuidade as lideranças anteriores? Ou a América é suficientemente forte para afirmar a sua liderança, independentemente da personalidade dos seus Presidentes?

De Woodrow Wilson a Donald Trump ou os Marcos Históricos do Século Americano?

Quando falamos de “O Século Americano”, falamos exatamente de que conteúdos? Este conceito serve exatamente para caracterizar os domínios económico e militar que a América exerceu globalmente ao longo do século XX. Podemos encontrar dois marcos históricos para delimitar este “século”: o início da I Guerra Mundial e o ano 2018. O trunfo dos EUA na Guerra-Hispânico-Americana pode ser entendido como um “sinal dos tempos”, ou seja, um sinal de que a liderança mundial está prestes a mudar da Europa para a América. Mas foi em plena Grande Guerra, quando o Presidente Woodrow Wilson, no dia 8 de janeiro de 1918, surpreendeu o Congresso dos EUA e admiravelmente surpreendeu a América e o mundo com uma proposta de paz, de catorze pontos, para ultrapassar o conflito que dizimava a Europa. O século americano começou há exatamente cem anos, em 1918, neste dia 8 de janeiro, quando o presidente Woodrow Wilson discursou perante o Congresso dos EUA propondo um entendimento para a paz na Europa baseado em quatorze pontos. A proposta do Presidente Wilson foi absolutamente determinante não só para o desfecho da guerra, mas foi decisiva para o que viria a ser o início da liderança americana, sob um novo modelo diplomático, vindo do Novo Mundo:

Os Quatorze Pontos fundaram as bases do sistema internacional e do mundo em que ainda vivemos. No mundo de Wilson, os tratados deveriam ser negociados publicamente; a navegação nos mares deveria ser irrestrita; à maneira liberal, o direito de comerciar não deveria ser tolhido; em aliança com o nacionalismo ascendente, o direito à autodeterminação deveria ser reconhecido. A Alemanha, julgando que estava a aceitar os pressupostos de um armistício, aceitou parar com a guerra. Os aliados europeus de Wilson, em Paris e Londres, aproveitaram para proclamar a derrota alemã, e depois impô-la no Tratado de Versalhes (Tavares, 2018 jan 8).

Tavares refere que os EUA foram geniais na forma como saíram do século XIX e entraram no século XX: sem sonharem ser líderes do mundo, mas tendo como projeto para a América a Doutrina Monroe de 1823, e talvez alargar a interpretação desta doutrina, ganharam o respeito internacional, quando conquistaram as Filipinas aos espanhóis em 1898. Mas nada indicava que passados 20 anos estaria a apontar os termos segundo os quais a Europa e o médio Oriente se deveriam organizar. Os europeus em 1914 entraram numa guerra sem sentido, arruinaram quatro impérios em quatro anos (Alemão, Austro-Húngaro, Russo e Otomano) e endividaram a Grã-Bretanha. Os Americanos acompanharam à distância o colapso da Europa, quer na Iª Guerra Mundial,

quer na IIª Guerra Mundial: entraram tarde no teatro da guerra, cederam armas aos aliados, emprestaram dinheiro, participaram na glória da libertação e nas negociações de paz e terminaram na posição de líderes, ditando as regras internacionais do jogo do futuro (Tavares, 2018 jan 8). Depois disso tudo – refere o mesmo autor - tiveram dificuldades em seguir a sua própria receita:

A proposta dos **catorze pontos** estava na criação de uma “associação geral de nações... com o propósito de dar garantias mútuas de independência política e integridade territorial aos estados tanto grandes como pequenos” — a Sociedade das Nações, antepassada da ONU. A Sociedade das Nações ficou decidida nas negociações de Versalhes. Mas, chegado a casa, Wilson foi surpreendido pela política americana: o Senado não aceitava a entrada dos EUA na Sociedade das Nações. Em desespero, Wilson tentou anular os senadores pela retaguarda, iniciando uma digressão em comboio pelos estados americanos para convencer diretamente os eleitorados locais a apoiarem a sua iniciativa. Exausto, teve um colapso. Voltou a Washington, incapacitado e derrotado. O resto da sua presidência foi exercida na prática (e em segredo) pela sua mulher e por aliados políticos (Tavares, 2018 jan 8).

A imagem de um Woodrow Wilson (que tinha sido um brilhante académico e reitor de Princeton) mentalmente incapacitado em pleno mandato presidencial faz pensar que os EUA se aguentam em plena posse dos seus sentidos mesmo quando não se pode dizer o mesmo dos seus presidentes. Mas, cem anos depois, há qualquer coisa de muito diferente em Donald Trump e a pergunta que naturalmente se levanta é a seguinte: Poderá a América continuar a liderar o mundo sem uma figura ou personalidade que lidere a América? A América soube no início do século XX aproveitar as fragilidades e a loucura da Europa e afirmar a liderança a nível mundial. Será que a China vai fazer o mesmo e decretar o fim do século americano? Não são apenas as extravagâncias de um presidente excêntrico que surgem como potenciais ameaças ao ciclo americano, mas há outros sinais que merecem ser ponderados.

Das ambiguidades e limites do poder americano ao novo século americano

Joseph S. Nye, JR., no artigo “Limits of American Power” Nye (2002, p. 545) apresenta algumas citações que evidenciam a hegemonia americana ao longo do século XX. Vale a pena transcrever essas referências: citando o *The Economist*, refere “the United States bestrides the globe like a colossus. It dominates business, commerce and communications; its economy is the world’s most successful, its military might second to

none.”³; imediatamente a seguir cita o ministro francês Hubert Védrine, o qual em 1999 defendeu que os Estados Unidos tinham ultrapassado seu *status* de superpotência do século XX: “U.S. supremacy today extends to the economy, currency, military areas, lifestyle, language and the products of mass culture that inundate the world, forming thought and fascinating even the enemies of the United States”⁴. Na mesma página, Joseph Nye, transcreve a opinião da prestigiada revista alemã *Der Spiegel* onde refere a influência americana à escala global nos seguintes termos: “American idols and icons are shaping the world from Katmandu to Kinshasa, from Cairo to Caracas. Globalization wears a ‘Made in USA’ label”⁵.

Perante esta evidência, Joseph S. Nye pergunta: “The United States is undoubtedly the world’s number one power, but how long can this situation last, and what should we do with it?” (Nye, 2002, p. 545) e vai referindo ao longo do artigo diferentes opiniões: uns afirmam e proclamam o declínio; outros - os triunfalistas – agitam a bandeira da arrogância. São dois extremos perigosos, por isso, sugere uma atitude de prudência, afirmando a sua convicção: “In my view, terrorism notwithstanding, American preponderance will last well into this century—but only if the United States learns to use power wisely (Nye, 2002, p. 546).

Joseph S. Nye contextualize as fontes do poder Americano e sugere que dentro dos limites das formas tradicionais e anacrônicas do poder, o *soft power*, surge como complemento do poder militar e económico, como o caminho, não hegemónico, mas equilibrado, capaz de conduzir a América a uma nova liderança mundial, onde a persuasão ocupará o lugar da coação: “Power in the twenty-first century will rest on a mix of hard and soft resources. No country is better endowed than the United States in all three dimensions-military, economic, and soft power” (Nye, 2002, p. 555).

Henry R. Luce, no seu artigo *The American Century* faz uma reflexão ética sobre o século americano e denuncia os paradoxos do século, ou seja, o fosso que há entre as expectativas criadas pelo progresso e a felicidade humana:

³ “America’s World,” *The Economist*, 23 October 1999.

⁴ Lara Marlowe, “French Minister Urges Greater UN Role to Counter US Hyperpower,” *The Irish Times*, 4 November 1999. In 1998, Ve’drine coined the term “hyperpower” to describe the United States because “the word ‘superpower’ seems to me too closely linked to the cold war and military issues”. Hubert Ve’drine with Dominique Moisi, *France in an Age of Globalization* (Washington, DC: Brookings Institution Press, 2001), 2.

⁵ William Drozdiak, “Even Allies Resent U.S. Dominance,” *Washington Post*, 4 November 1997.

Consider the 20th Century. It is not only in the sense that we happen to live in it but ours also because it is America's first century as a dominant power in the world. So far, this century of ours has been a profound and tragic disappointment. No other century has been so big with promise for human progress and happiness. And in no one century have so many men and women and children suffered such pain and anguish and bitter death. It is a baffling and difficult and paradoxical century. No doubt all centuries were paradoxical to those who had to cope with them. But, like everything else, our paradoxes today are bigger and better than ever. Yes, better as well as bigger - inherently better. We have poverty and starvation - but only in the midst of plenty. We have the biggest wars in the midst of the most widespread, the deepest and the most articulate hatred of war in all history (Luce, 1941, p. 10).

Este é o retrato do século XX e as ambivalências da América neste século que foi o seu. Henry R. Luce, perante o desconcerto do século XX, afirma categoricamente:

There is one fundamental issue which faces America as it faces no other nation. It is an issue peculiar to America and peculiar to America in the 20th Century - now. It is deeper even than the immediate issue of War. If America meets it correctly, then despite hosts of dangers and difficulties, we can look forward and move forward to a future worthy of men, with peace in our hearts (Luce, 1941, pp. 1-2).

Na parte final do artigo reitera a sua convicção, afirmando “can we know how to re-establish our constitutional democracy for another 50 or 100 years” (Luce, 1941, p. 10) e apresenta detalhadamente a sua proposta humanista daquilo que deverá um século americano: é uma proposta que assenta em quatro pilares:

First: our world of 2,000,000,000 human beings is for the first time in history one world, fundamentally indivisible. Second: modern man hates war and feels intuitively that, in its present scale and frequency, it may even be fatal to his species. Third: our world, again for the first time in human history, is capable of producing all the material needs of the entire human family. Fourth: the world of the 20th Century, if it is to come to life in any nobility of health and vigor, must be to a significant degree an American Century (Luce, 1941, p. 11).

Henry R. Luce defende que a América tem um património que pode oferecer à humanidade e não o pode desperdiçar: “Americans -Midwestern Americans - are today the least provincial people in the world. (...) America's worldwide experience in commerce is also far greater than most of us realize. (...) Most important of all, we have that indefinable, unmistakable sign of leadership: prestige” (Luce, 1941, p. 12).

A visão de Henry R. Luce para a América do future supõe ainda uma paixão coletiva do povo americano pelos grandes ideais, “a love of freedom, a feeling for the equality of opportunity, a tradition of self-reliance and independence and also of co-

operation” (Luce, 1941, pp. 12-13). Além destes ideais Americanos, a América tem a responsabilidade de ser herdeira da civilização ocidental: “we are the inheritors of all the great principles of Western civilization” (Luce, 1941, p. 13). Por isso, subscreve a convicção de Herbert Hoover que antevê a América como “the sanctuary of the ideals of civilization”.

Este sonho, esta mundividência americana que Henry R. Luce concebe em formato de utopia, apresenta-se como desafio para todos os americanos, como condição *sine qua non* para “to create the first great American Century” (Luce, 1941, p. 13).

CONCLUSÃO

O século Americano resultou quer das fragilidades da Europa, que se aniquilou a si própria não só com a I Grande Guerra (1914 e 1918) e a II Guerra Mundial (1939-1945), mas sobretudo da capacidade dos americanos de decidirem e imporem ao mundo as regras do jogo internacional. A hegemonia americana que caracterizou o século XX é uma evidência. O equilíbrio imposto pela União Soviética, após a II Guerra, desfez-se com queda do muro de Berlim e a conseqüente desintegração da URSS. A hegemonia económica e militar dos EUA não deixou que as ambiguidades do racismo, em casa e fora de casa, da fome e da guerra longe das suas fronteiras ofuscasse o século americano.

Ao encerrar o século americano, são muitos os que questionam a reedição de mais um longo período de afirmação da liderança americana. Neste trabalho analisei os artigos de Henry R. Luce e de Joseph S. Nye, que se encontram do lado daqueles que vêem essa continuidade como oportunidade possível e plausível. Ambos sugerem que essa continuidade supõe determinadas condições: se a proposta de Joseph S. Nye aponta a introdução do *soft power* como fator de equilíbrio dos poderes económico e militar, Henry R. Luce vai mais longe e declara a América como herdeira dos valores do ocidente. A realização de um novo e verdadeiro século americano supõe uma consciência de todos os americanos e um esforço coletivo que abrace uma proposta humanista capaz de ultrapassar os desconcertos do 1º século americano e faça da América o santuário civilizacional capaz de semear a felicidade entre todos os povos da terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Nye, J. (2002). Limits of American Power. *Political Science Quarterly*, 117 (4), 545-559.
doi: 10.2307/798134

Luce, H. R. (1941). *The American Century*. Disponível em:

<http://www.informationclearinghouse.info/article6139.htm>

Tavares, R. (2018, janeiro 8). Início e fim do século americano. *Público*. Disponível em:

<https://www.publico.pt/2018/01/08/mundo/opiniao/inicio-e-fim-do-seculo-americano-1798454>

Hubert, V., & Dominique, M. (2001). *France in an Age of Globalization*. Washington, DC: Brookings Institution Press.

William, D. (1997, november 4). America Accused of Bullying World: Even Allies Resent U.S. Dominance. *Washington Post*.